



## JORNALISMO LITERÁRIO A PARTIR DA ESTRELA DE SETE PONTAS: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “BOATE KISS – A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA”

Giovana Bordignon da Rosa<sup>1</sup>  
Lize Búrigo<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo é mais uma contribuição para os estudos referentes à apropriação de características do jornalismo literário e a estrela de sete pontas, esquematizada por Felipe Pena, em produções audiovisuais. O objeto de estudo foi o documentário “Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria”, com o objetivo de averiguar se tais particularidades estariam presentes nele sem perder a essência jornalística. A curiosidade pelo tema surgiu pelo fato do jornalismo literário ainda estar muito atrelado ao impresso, circunstância que despertou interesse em identificá-lo nos documentários audiovisuais. Os métodos de pesquisa utilizados foram de natureza básica, abordagem qualitativa, pesquisa exploratória e procedimentos técnicos de estudo de caso e bibliográfico, tendo como principais autores Felipe Pena (2006), Edvaldo Pereira Lima (2014) e Tom Wolfe (1975). No documentário, observou-se muitas características do jornalismo literário, dentre elas: humanização; apuração rigorosa; reportagem profunda; ultrapassar os limites dos acontecimentos. Também estavam presentes as sete pontas da estrela, como a desconstrução do *lead*, perenidade, diversidade de fontes e jornalismo como prestador de serviço. Ao mesmo tempo, a reportagem mantém a essência de uma produção jornalística, por respeitar premissas básicas exigidas pelo gênero, como a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente. Apesar de que o envolvimento do repórter e diretor Marcelo Canellas com o tema tenha ficado explícito, ele mostra todos os lados do fato. A busca pela verdade e a justiça estiveram presentes em vários momentos do documentário, assegurando o papel do jornalismo ao cumprir um dever com a cidadania.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário. Documentário. Estrela de sete pontas. Boate Kiss.

### 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo literário, criado em 1960 por Tom Wolfe, surgiu com a pretensão de romper com algumas características do *lead* (liderar, conduzir, comandar) – técnica da pirâmide invertida em que, logo nas primeiras linhas do texto, insere-se um resumo dos fatos –, mas é muito discutido por se aproximar da ficção ou literatura, motivando constantes estudos sobre a forma como é aplicado e se efetivamente proporciona ao leitor uma nova visão sobre um fato cotidiano. Por

---

<sup>1</sup> Graduanda em Jornalismo no semestre letivo de 2023-2. E-mail: gibordignon53@gmail.com

<sup>2</sup> Professora mestre do Centro Universitário UniSATC E-mail: lize.burigo@satc.edu.br



desconstruir o modelo tradicional do *lead* e estar desprovido de exatidão científica, o jornalismo literário está em constante busca de comprovação, aplicabilidade e efetividade.

No entendimento de Pena (2006), ao construir uma narrativa literária a reportagem será diferenciada por tratar o tema com mais profundidade, em um tom mais dramático, mas sem perder a essência jornalística. A definição do autor está embasada em um conjunto de aspectos chamados por ele de “estrela de sete pontas”, conceito que criou para caracterizar o jornalismo literário. As pontas da estrela rompem com critérios do *lead*, criado nos Estados Unidos no período da primeira guerra mundial, entre 1914 e 1918.

Inicialmente, o jornalismo literário era mais identificado em impressos, por meio de livros, artigos de jornais e revistas. Mas, conforme recentes pesquisas, muitas de suas características também estão inseridas em produtos audiovisuais, como programas de TV, documentários e grandes reportagens. Nos casos analisados nestas pesquisas observou-se que há um estudo mais aprofundado, promovendo maior envolvimento do repórter com o tema, sem seguir a pirâmide invertida.

Dessa forma, este artigo propõe contribuir para os estudos referentes ao jornalismo literário em produtos audiovisuais, tendo como objeto de análise o documentário “Boate Kiss - A Tragédia de Santa Maria”. Lançada no Brasil em 26 de janeiro de 2023, a obra foi dirigida pelo repórter da TV Globo Marcelo Canellas e roteirizada por Fernando Rinco e Gabriel Mitani. Os cinco episódios da série documental estão disponíveis no Globoplay.<sup>3</sup>

O documentário narra os detalhes da luta por justiça dos sobreviventes e dos pais das vítimas do incêndio que matou 242 pessoas na boate Kiss. A tragédia aconteceu na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, na cidade universitária de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A fatalidade é um assunto em repercussão nacional há mais de uma década por se tratar de uma história comovente, despertando a curiosidade desta acadêmica em saber como o jornalista Marcelo Canellas abordou um assunto tão delicado e de que forma o jornalismo literário colaborou com isso.

---

<sup>3</sup>Globoplay é a plataforma digital de vídeos por assinatura da Globo. O aplicativo disponibiliza séries originais e exclusivas, filmes, documentários, conteúdos infantis, novelas e programas além do sinal ao vivo. O acesso pode ser feito através da internet. A plataforma foi lançada em 3 de novembro de 2015 (GLOBO.COM, 2023).



Em vista dos fatos apresentados, a pergunta-problema deste artigo é: como o jornalismo literário e o conjunto de aspectos da estrela de sete pontas, formulada por Felipe Pena, se encaixam no documentário “Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria” sem perder a essência jornalística?

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é, após a análise, identificar a aplicabilidade e efetividade do jornalismo literário na construção e narrativa do jornalista Marcelo Canellas, juntamente a cada uma das pontas da estrela de Pena.

Quanto aos objetivos específicos, pretende-se descrever as diferenças entre a pirâmide invertida (*lead*) e o jornalismo literário; compreender características do jornalismo literário e o conjunto de aspectos da estrela de sete pontas de Felipe Pena; relacionar o jornalismo literário com os documentários de TV e identificar se há elementos do jornalismo literário e da estrela de sete pontas na construção do roteiro do documentário e no estilo narrativo do jornalista Marcelo Canellas.

A inspiração para estudar o tema surgiu da paixão desta acadêmica pelo jornalismo literário e pela TV. Como já mencionado, o jornalismo literário ainda está muito associado ao jornalismo impresso e esta pesquisadora tem curiosidade de saber como ele se encaixa em audiovisuais. O gosto pela leitura e por reportagens televisivas otimizaram a pesquisa com a perspectiva de esclarecer e avaliar essa relação entre o jornalismo literário, a estrela de sete pontas e o documentário proposto.

O procedimento experimental tem por metodologia a natureza básica, afinal, não há aplicação prática prevista. Quanto à abordagem, optou-se pela qualitativa, pois, conforme Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 32), esta tende a abordar e analisar os fatos orientados por matrizes filosóficas e ideológicas exteriores aos seres humanos.

Aos fatos humanos e sociais, por serem essencialmente qualitativos, não são aplicáveis os processos de quantificação (pesar e medir). Embora sejam generalizadas as relações descobertas em amostras particulares, deve-se sempre ter em mente que os homens, em tese, mesmo sendo iguais, agem, pensam e se organizam socialmente de formas diferenciadas (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 33).

Quanto aos objetivos, a pesquisa exploratória foi selecionada, por não requerer a elaboração de hipóteses a serem testadas, “restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo”



(CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 75).

Os procedimentos técnicos utilizados são, primeiramente, o bibliográfico, explicando o problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 72), “o objetivo da bibliografia é conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre o assunto”.

Além deste, também será abordado o estudo de caso como procedimento técnico. Esse método se concentra no estudo de um caso particular. “A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral” (SEVERINO, 2013. p. 105).

## 2 PIRÂMIDE INVERTIDA X JORNALISMO LITERÁRIO

Chamado de *lead* (liderar, conduzir, comandar), o método de escrever buscando o resumo de um fato logo nas primeiras linhas de texto segue a técnica da pirâmide invertida, uma simplificação impessoal de contar os fatos de forma indireta e resumida. Segundo Jorge (2008), essa abordagem surgiu no período da primeira guerra mundial – embora haja controvérsias entre autores –, entre 1914 e 1918 nos Estados Unidos, visando informar a população acerca dos acontecimentos nos campos de batalha de forma mais clara e objetiva.

Foi por meio do jornalista Pompeu de Souza, do “Diário Carioca”, que a prática chegou ao Brasil em 1945. O conceito, muito utilizado na imprensa americana, prometia trazer objetividade ao jornalismo. A ideia era estabelecer as linhas-mestras de uma redação objetiva sem nenhum comprometimento com a opinião.

Seguindo esse método, a informação mais importante vai primeiro: quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?. Essas seis perguntas compõem o formato de parágrafo mais comum na escrita jornalística. A função do texto é basicamente relatar o ocorrido. Para Felipe Pena (2006, p. 53), “se trata de uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor”.

Apesar de sua data de início ser incerta, o jornalismo literário volta às



redações, justamente, pela necessidade de tornar um texto jornalístico menos objetivo. Antes do *lead*, ele era mais conhecido como “nariz de cera”. No século XIX, inclusive, “os jornais estavam muito próximos da Literatura” (PENA, 2006, p. 40).

Em 1960, o estilo também foi conhecido como o Novo Jornalismo. Este foi criado pelo jornalista e escritor norte-americano Tom Wolfe para se opor ao “velho” jornalismo objetivo. O autor se projetou profissionalmente no início dos anos 60, ao produzir um novo estilo de reportagem chamado de Novo Jornalismo. Nesse estilo, os textos jornalísticos ganham tratamento literário, como em um romance.

O autor demonstrou sua admiração pela aplicação dessas técnicas literárias no jornalismo. “Era a mais sincera forma de homenagem ao romance que os jornalistas podiam prestar, sem nunca deixar de ter claro que a representação do artista soberano na literatura era o escritor” (WOLFE, 1975, p. 18).

Dentre as características do jornalismo literário, destacam-se os detalhes, deixando a objetividade em segundo plano; a humanização, por aproximar o repórter e seus participantes do tema, e a produção de reportagens mais profundas, amplas e com maior tempo de produção e exibição. Para autores como Pena (2006, p. 13), significa “potencializar os recursos do jornalismo”.

Mais tarde (já nos anos 2000), surgiu o termo *new new journalism*, ou Novo Jornalismo Novo. Segundo Pena (2006, p. 60), esta nova versão “explora as situações do cotidiano, o mundo ordinário, as subculturas. [...] O objetivo é assumir um perfil ativista, questionar valores, propor soluções”.

Com esta ideia ainda mais intrincada, existe a vertente Gonzo: uma versão mais radical do Novo Jornalismo. “Caracterizado por um envolvimento pessoal com a ação que estava descrevendo, sem medir as consequências, por mais perigosas que fossem” (PENA, 2006, p. 56). Estas são apenas algumas das tendências do jornalismo literário, existem muitas outras classificações.

Na narrativa do jornalismo literário, existe um estilo de condução de texto específico.

Jornalismo Literário se faz basicamente com a reportagem contextualizada, com o perfil, com o ensaio jornalístico de característica narrativa e com a coluna narrativa, além de outros formatos. Todos têm de ter a narrativa como elemento principal de expressão (LIMA, 2014, p. 66).

Na opinião de Pena (2006, p. 105), os traços básicos do estilo são a



“imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização”.

Segundo Lima (2014, p.11), “não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante”. Para o autor, esse estilo possui uma qualidade estética notável, com identidade própria, ocupando um lugar especial na cultura contemporânea por ser único. Ainda conforme Lima (2014), no jornalismo literário o leitor é inserido dentro do acontecimento com a pretensão de provocar sensações como cheiro, sons, levando-o à imaginação de formas e dimensões.

O jornalismo literário pode ser expresso por meio de livros, filmes, programas de TV, documentários, grandes reportagens, artigos de jornais e revistas, meios virtuais, entre outros. Para este estudo, vamos analisar o documentário Boate Kiss - A Tragédia de Santa Maria.

## 2.1 JORNALISMO LITERÁRIO E A ESTRELA DE SETE PONTAS

Para enquadrar melhor os tópicos e definir as características do jornalismo literário, Felipe Pena criou um conjunto de aspectos que ele conceituou como estrela de sete pontas (FIG. 1). O objetivo seria facilitar a compreensão e o estudo sobre o tema.

Figura 1: Estrela de sete pontas (Felipe Pena)



Fonte: MATOS (2013, p. 16).



Na primeira ponta, fala-se em “**potencializar os recursos do Jornalismo**”. Ou seja, com todos os avanços na área da comunicação, os jornalistas necessitam de novas estratégias, mas sem esquecer o jornalismo tradicional, muito pelo contrário, os fundamentos deste ainda se fazem muito necessários. “Por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente” (PENA, 2006, p. 14).

Na segunda característica sugerida, Pena (2006), propõe “**ultrapassar os limites dos acontecimentos**”, rompendo com duas características básicas do jornalismo tradicional: a periodicidade e a atualidade. “Ele não está mais enjaulado pelo *deadline* [...]. E nem se preocupa com a novidade” (PENA, 2006, p. 14).

Na terceira ponta que a estrela recomenda, o jornalista necessita proporcionar ao leitor uma “**ampla visão dos fatos apurados**” contextualizando a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no pequeno espaço de um jornal. “Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração” (PENA, 2006, p. 14).

A quarta característica do jornalismo literário é o “**dever com a cidadania**”. Ou seja, o jornalismo como um prestador de serviço, sempre com a preocupação de abordar um assunto da melhor maneira para o interesse público, contribuindo, dessa forma, com a sociedade.

Em quinto lugar, Pena (2006) sugere “**romper com o lead**”. No lugar desta fórmula, que o autor considera sem elegância e sem estilo, devem-se aplicar “técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2006, p. 15). Essa arte de escrever, citada por ele, consiste em converter ideias de modo que possa cativar o leitor de forma clara e atraente.

A penúltima ponta da estrela vem dar voz ao cidadão comum, pois trata-se de “**evitar as fontes oficiais**” – como políticos, advogados e estudiosos – e buscar entrevistados comuns. “É preciso criar alternativas, ouvir [...] os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2006, p. 15).

Por fim, em sétimo lugar está a busca pela “**permanência ou perenidade**”, a notícia nunca deve ser leviana. “Uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das





reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte [...]” (PENA, 2006, p. 15).

Por meio dessas técnicas defendidas por Pena, o jornalista terá um texto mais humanizado, com características bem diferentes do jornalismo diário das redações.

### 3 DOCUMENTÁRIO NA TV

Na TV, os textos de telerreportagens são construídos a partir de *offs* dos repórteres cobertos por imagens, sonoras e uma passagem – momento em que o jornalista aparece no vídeo. Segundo Bistane e Bacellar (2005), na televisão, construir a matéria é como montar um quebra-cabeça. “Algumas peças se encaixam melhor na passagem do repórter, outras, nos trechos selecionados das entrevistas, e as restantes compõem o off” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 25).

Segundo Carmo-Roldão, Bazi e Oliveira (2007), o documentário de TV começa a ter um certo destaque no Brasil a partir de 1970, “com as produções do Globo Shell Especial, Globo Repórter, as produções realizadas pela TV Cultura, além dos documentários produzidos por produtoras independentes” (CARMO-ROLDÃO, BAZI, OLIVEIRA, 2007, p. 2).

Com características que o diferenciam da telerreportagem, o documentário é composto por depoimentos, entrevistas, tomadas in loco, imagens de arquivo, imagens gráficas, etc. “O filme reunirá e organizará uma série de materiais para formar uma asserção sobre determinado fato” (PUCCINI, 2022, s/p).

Ainda conforme Puccini (2022), o discurso do filme documentário se sustenta por ocorrências do real. “Trata-se de um gênero em que o imprevisto pode desempenhar papel tão importante quanto aquilo que é cuidadosamente planejado” (PUCCINI, 2022, s/p).

O que diferencia o gênero da ficção e o aproxima da reportagem televisiva é não ser guiado exclusivamente pela escrita de cenas dramáticas, podendo incluir, segundo Puccini (2022), descrição de sequências de arquivo, entrevista, sequências de imagens de cobertura, animações gráficas, entre outras variáveis.

Para Melo (2002), o documentário é um gênero com características





particulares. Pode-se classificar como um meio termo entre os filmes de ficção e uma reportagem de TV.

Independentemente do tema tratado (violência, ecologia, história, arte, cultura, biografia etc), somos capazes de identificar e diferenciar um documentário de outros tipos de produção audiovisual (filmes de ficção e reportagens de TV, por exemplo). [...] Como em outros discursos sobre o real, o documentário pretende descrever e interpretar o mundo da experiência coletiva. Essa é a principal característica que aproxima o documentário da prática jornalística (MELO, 2002, p. 24).

Segundo o autor, no documentário a parcialidade é bem-vinda, diferente da reportagem, em que se busca neutralidade. A opinião do diretor é importante nesse tipo de produção, não tendo necessidade de escondê-la. “Esse privilégio não é concedido ao repórter, sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia” (MELO, 2002, p. 29).

Além disso, como salienta Melo (2002), os gêneros também diferem na narração. No telejornalismo, o fato é sempre contado ou remediado pelo repórter. Já no documentário a presença de um narrador não é obrigatória, tendo os fatos narrados pelos próprios personagens da história. Ou seja, os relatos podem ser remendados para formar o produto final. Com isso, pode-se perceber que a linha divisória entre os dois tipos de produção é tênue.

#### **4 O JORNALISMO LITERÁRIO NA TV**

A televisão também incorpora esse estilo romanceado de jornalismo, especialmente com a chegada das reportagens especiais no audiovisual. No Brasil, na década de 70, segundo Lucinda (2008), a Rede Globo foi pioneira em trazer reportagens narradas a partir do jornalismo literário em programas como Globo Repórter e Fantástico, ambos apresentados pela emissora desde 1973.

O que difere esse gênero do jornalismo comum é o uso da criatividade para explorar e expor os fatos, porém, o compromisso com o real é imprescindível. Segundo Lucinda (2008), essa fidelidade era a única exigência.

Semelhante ao documentário, o jornalismo literário também permite que o repórter pontue suas impressões sobre o tema no meio da reportagem. “Não



somente os comentários sobre o acompanhamento da ação são permitidos, como também fazem parte dos elementos fundamentais” (LUCINDA, 2008, p. 23).

Para Cajazeira, as transmissões de reportagens nesse estilo de narração permitem sentimentos de lazer e distração ao telespectador. “Cada reportagem exibida na televisão deixa de ser mero produto pelo qual a sociedade se identifica para tornar-se um produto audiovisual de entretenimento” (CAJAZEIRA, 2010, p. 6). Para ele, essas características fazem parte do jornalismo literário.

#### **4.1 REPORTAGEM CLÁSSICA X JORNALISMO LITERÁRIO**

Diferentemente das reportagens clássicas apresentadas nos telejornais, nas matérias características do jornalismo literário a presença do repórter é mais comum. Conforme Lucinda (2008), não há tanto o formalismo tradicional da passagem, em que só é permitido aparecer uma vez para falar duas ou três declarações impactantes.

No Profissão Repórter, por exemplo, é priorizada a “observação participante, a construção da rotina dos personagens, o fluxo de consciência e o próprio diálogo entre entrevistador e fonte” (LUCINDA, 2008, p. 85). Por isso, é comum haver o envolvimento do jornalista com a história.

Lovizon (2021) defende a apresentação de reportagens especiais em formato contínuo, contendo mais de um episódio cada. Na opinião da autora, o estilo aproxima o telespectador.

Diferente dos episódios cinematográficos conhecidos em filmes com sequência de numeração ou séries por tópicos em temporadas, o jornalismo pode trazer para a comunicação informativa séries de reportagens continuadas, aproximando o telespectador de uma realidade que até mesmo pela grande imprensa tornou-se esquecida e subnotificada (LOVIZON, 2021, p. 3).

Outra característica própria do estilo de reportagem do jornalismo literário é o apelo emocional. Para Lucinda (2008), para que o telespectador entenda, de fato, o tema abordado, não basta apenas a descrição, ele precisa senti-la. Afinal,



esse estilo de narração traz consigo um aprofundamento maior em relação às reportagens clássicas, então, despertar a emoção é essencial.

A autora ainda defende que esse tipo de reportagem cria um “heroísmo” em volta do narrador (no caso, o repórter). “Se desprende um pouco da técnica que norteia as matérias comuns de telejornais, para fazer uma reportagem mais livre e, ao mesmo tempo, envolvente” (LUCINDA, 2008, p. 37). Além de a TV já propiciar certo “glamour” ao jornalista, o fato de ele entrar na história para noticiá-la gera um sentimento de “humanização”.

## 5 ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO BOATE KISS – A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA

No documentário Boate Kiss – A Tragédia de Santa Maria, original da Globoplay, o repórter e jornalista Marcelo Canellas conta a história de luta por justiça protagonizada por familiares das vítimas – 242 jovens – de uma das maiores tragédias do Brasil: o incêndio da Boate Kiss. Lançado em janeiro de 2023, a reportagem foi roteirizada por Fernando Rinco e Gabriel Mitani e é dividida em cinco episódios de 44 a 55 minutos de duração cada. Na maior parte das filmagens, Santa Maria ou Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, são o cenário principal.

Cada episódio aborda um tema relacionado à tragédia, não necessariamente em ordem cronológica. O primeiro, intitulado **27 de janeiro de 2013**, revive a noite do incêndio e alguns desdobramentos da investigação. No segundo, **Do luto à luta**, trata-se do primeiro dia de julgamento. No episódio três, **Coincidências fatais**, a tragédia é comparada a outros incêndios no mundo. No quarto, **No banco dos réus**, retorna-se ao julgamento, mas com o outro lado da história. E, por fim, o quinto episódio, **Ponto de interrogação**, relata o fim da audiência e a insatisfação dos familiares.

Dessa forma, pode-se perceber o “formato contínuo” citado por Lovizon (2021) presente no documentário conduzido por Marcelo Canellas. Para o autor, reportagens do jornalismo literário possuem mais de um episódio cada, a obra sob análise apresenta cinco episódios.

Durante a coleta de dados do presente estudo, realizou-se, por meio de uma tabela, um sistema de identificação e observação com o intuito de elencar os



elementos considerados importantes em cada fase do documentário, correlacionando com características do jornalismo literário e/ou da estrela de sete pontas. Esse levantamento inicial, que não está incluso neste artigo, norteou a condução da análise a fim de esclarecer a pesquisa.

Para dar continuidade à análise, tendo em vista os fatos apresentados na coleta de dados, a autora optou em dividir a pesquisa na ordem dos episódios, utilizando subtítulos como referência. Para este reconhecimento, o estudo foi desenvolvido a partir de uma análise do conteúdo com o propósito de averiguar como o jornalismo literário, associado ao conjunto de aspectos da estrela de sete pontas, se relaciona com o documentário “Boate Kiss- A tragédia de Santa Maria” sem perder a essência jornalística.

De maneira geral, percebe-se que o documentário possui um perfil ativista, porque foca muito em protestos, manifestações e a busca por justiça da Associação. Dessa forma, já é possível relacioná-lo a característica que Pena (2006) associa ao Novo Jornalismo: perfil ativista.

A descrição e interpretação do material da pesquisa segue abaixo, na ordem dos episódios, com o objetivo de entendimento da mensagem de cada tema e do significado do objeto estudado.

### **EPISÓDIO 1: 27 DE JANEIRO DE 2013**

O repórter Marcelo Canellas, que já morou em Santa Maria e cobriu a tragédia desde o início, mantém desde o primeiro episódio uma ligação direta entre o cenário da desgraça e a sua vida pessoal, mostrando, inclusive, fotos e revelando trechos de sua história na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Esse viés tão íntimo do jornalista com a dramatização corresponde com atribuições de Pena (2006) ao destacar traços básicos do estilo literário, como a imersão do repórter na realidade. Fato que está presente em todos os episódios, levando o espectador a sair do cenário triste da madrugada do dia 27 de janeiro para as boas memórias de Canellas sobre sua cidade natal.

Ao citar a UFSM, Canellas não só conta sobre seu período de estudo nesta universidade, como mostra fotos pessoais tiradas no período. Neste trecho, aos 7min 14s do primeiro episódio, o repórter demonstra sua imersão no



documentário e envolvimento com o tema. Lucinda (2008) frisa a presença do repórter com mais frequência no documentário como uma característica padrão do jornalismo literário, na análise da autora, diferente da reportagem comum, o repórter faz várias “passagens”. Somente no primeiro episódio, Canellas aparece nas gravações nos 2min 53s, 5min 4s, 5min 45s, 6min 43s, 7min 10s, 8min 46s. Além disso, ela defende o envolvimento do jornalista com a história. No primeiro episódio, de 4min 20s a 4min 50s, o repórter Marcelo Canellas fala em “impunidade, justiça e espera torturante”, substantivos que, usados por ele, ressaltam sua contribuição com a luta das famílias.

Outra observação deste primeiro episódio é dos oito minutos iniciais, em que Canellas não vai direto ao tema central apresentando os fatos mais relevantes, como no *lead*. Pelo contrário, ele aparece na cena contando a história de Santa Maria e da UFSM, dos 5min 3s aos 7min 14s, fugindo da prisão narrativa sugerida por Pena (2006) ao obrigatoriamente começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor. No lugar desta fórmula, Pena (2006) sugere converter as ideias de modo a cativar o leitor de forma clara e atraente, considerada a quinta ponta da estrela que trata do rompimento do formato do *lead*.

Logo em seguida, aos 13min 40s, a reportagem segue para a história da boate mais badalada da cidade à época, a Kiss, e começa a relatar o dia da tragédia. A sensação do espectador em estar dentro das instalações da boate é novamente instigada quando o documentário exhibe uma impressionante riqueza de detalhes, guiando o olhar na dimensão do incêndio conforme o relato de sobreviventes, como Jéssica, Maike e Delvani. Ao mostrar a realidade, o repórter levou o público a uma experiência coletiva, referenciada por Melo (2002) como a principal característica que aproxima o documentário da prática jornalística, apesar do gênero documentário.

Aos 18min 26s retrata-se o início do incêndio, quando o público presente ainda não havia entendido a gravidade do ocorrido. Os registros do documentário são de vídeos amadores que revelam os primeiros segundos da descrença para logo se transformarem em pânico, sinalizando ao telespectador momentos de aflição e desespero. A emoção causada valida características do jornalismo literário apontadas por Lima (2014), quando o espectador é inserido dentro do acontecimento com a pretensão de provocar sensações, como cheiro, sons,

levando-o à imaginação de formas e dimensões.

Figura 2: Familiares esperam em hospitais após incêndio na Boate Kiss



Fonte: “Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria” – Globoplay.

Após os relatos dos sobreviventes e um momento que revive o acontecido, Canellas emenda relatos de pais em recuperação e lutando por justiça. A partir dos 21min 40s nota-se a humanização, comentada por Wolfe (1975) como característica do jornalismo literário, na fala de cada pai e/ou mãe que concedeu entrevista.

## **EPISÓDIO 2: DO LUTO À LUTA**

O segundo episódio inicia com a preparação da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM) para o primeiro dia de julgamento. Neste capítulo, principalmente, o documentário liga diversas entrevistas de pais dos jovens mortos na tragédia da Boate Kiss. Os depoimentos são de Maria Aparecida Neves, Rosmeri Biscaino, Marlei Nemitz, Nelci de Almeida e João Konzen e Joraci Trentin. A partir dos 3min 16s até os 14min, Marcelo Canellas se enquadra na sexta ponta da estrela de Felipe Pena, “evitar entrevistados de plantão”, buscando fontes não oficiais. Ele poderia ter entrevistado apenas policiais, políticos e advogados, que abordariam a parte técnica, mas buscou mostrar a realidade vivida pelos familiares em luto.



Em seguida, uma série de detalhes contextualiza e relembra as investigações, realizadas na época do incêndio. Em 20min 7s, os delegados responsáveis pelo caso citam os pontos exatos que estavam irregulares, como a barra de guarda-corpos, janelas fechadas, extintores que não funcionavam, falta de iluminação e de treinamento adequado dos seguranças da boate, espuma, degraus, falta de sinalização dentro do estabelecimento e ponto de táxi irregular em frente à saída. Segundo Wolfe (1975), dentre as características no jornalismo literário destacam-se os detalhes.

Para Pena (2006), a precisão de dados é um traço básico do estilo literário. Aos 20min 30s, Canellas cita o número de responsabilizados apontados pelo inquérito policial, comparando-o aos indiciados e denunciados.

Figura 3: Envolvidos apontados pelo inquérito policial no incêndio da Boate Kiss



Fonte: “Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria” – Globoplay.

Em pelo menos mais um momento deste segundo episódio pode-se perceber a presença do jornalismo literário. Assim como sugerido por Lucinda (2008), o depoimento de Jéssica, que perdeu o irmão e foi uma das vítimas do incêndio na Kiss, durante o julgamento em 2021, carrega apelo emocional. Essa característica pode ser percebida aos 36min 20s.





### EPISÓDIO 3: COINCIDÊNCIAS FATAIS

O episódio 3 é focado em abordar outros incêndios e compará-los à tragédia na Boate Kiss. A ponte entre os eventos da Kiss e outros incêndios em casas noturnas mostra sob diferentes ângulos a mesma notícia, o que para Matos (2013) é uma das grandes missões do jornalismo, pois proporciona ao público a possibilidade de comparação e reflexão sobre o fato. Casos registrados nos Estados Unidos, Romênia e, por fim, na Argentina, ganham enfoque. Fotos, vídeos e reportagens de momentos semelhantes vividos nesses países são trazidos para contextualização. Este momento, que inicia no primeiro minuto do episódio e segue até os 2min 14s, pode ser comparado à primeira ponta da estrela, segundo Pena (2006), em que se prioriza potencializar os recursos do jornalismo, ou seja, trazer uma apuração rigorosa.

Seguindo no mesmo foco, Canellas escolhe o incêndio ocorrido na boate Cromañón, na Argentina, para se aprofundar no caso. Mais uma vez, aproxima-se do jornalismo literário, considerando que Wolfe (1975) cita esta característica de reportagens mais profundas como indispensáveis ao estilo. Aos 3min 16s, inicia-se a comparação do incêndio em Buenos Aires com o de Santa Maria, seguida por relatos de sobreviventes e familiares, em visita feita pelo repórter à cidade argentina, nos 4min 50s.

Figura 4: Comparação do incêndio nas boates de Santa Maria e de Buenos Aires





Fonte: “Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria” – Globoplay.

Há uma ampla visão dos fatos apurados, com um contexto mais abrangente, assim como cita Pena (2006), como sendo a terceira ponta da estrela, nos 39min 42s. Este momento final do episódio mostra o resultado do julgamento sobre o incêndio na boate da Argentina, em que são presos os bombeiros, os agentes públicos responsáveis pela fiscalização e todos os integrantes da banda que tocavam na noite do incêndio. Em entrevista a Canellas, um dos pais envolvidos nos pedidos de justiça diz que o resultado só foi possível com a força dos protestos dos argentinos.

O episódio também é exemplo da segunda ponta da estrela de Felipe Pena (2006), que foca em ultrapassar os limites dos acontecimentos. Ao abordar casos mais antigos de boates incendiadas, trazer um histórico a respeito e, principalmente, escolher um destes para reportar, o repórter vai além do factual e deixa a objetividade em segundo plano, como cita Wolfe (1975).

#### **EPISÓDIO 4: NO BANCO DOS RÉUS**

Este episódio retrata a angústia dos parentes das vítimas do incêndio na busca pela condenação dos réus. O documentário registra o desgaste de todo o processo penal que envolve a luta de pais por justiça daqueles que negligenciaram as vidas de seus filhos, revelando as tensões entre sobreviventes, equipes de advogados e réus. Mesmo em um cenário conflitante, Canellas conseguiu por meio de sua narrativa humanizar o drama, proporcionando uma ligação - sugerida por Wolfe (1975) - entre a literatura e o jornalismo. Essa narrativa mais emocionante, na visão de Matos (2013), produz reportagens mais profundas, amplas e detalhistas, trazendo ao jornalismo uma postura mais humanizada.

Outro destaque do quarto episódio foi a pluralidade de fontes, revelando ao telespectador a busca de Canellas pela isenção. Aos 2min 54s, Paulo Carvalho, assessor jurídico da associação dos parentes das vítimas, é entrevistado, assim como os réus Marcelo de Jesus (16min 6s) e Luciano Bonilha Leão, com o advogado Jean Severo (17min 23s).

Figura 5: Réus e equipe de advogados no julgamento



Fonte: “Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria” – Globoplay.

O incêndio da Boate Kiss aconteceu por negligência, e por mais real que seja o desespero por justiça, todos os envolvidos têm o direito à defesa. No capítulo III do Código de Ética do Jornalismo, Art. 9º, a presunção de inocência é um dos fundamentos da atividade. Quando Canellas dá ouvidos aos acusados e advogados, novamente a terceira ponta da estrela pode ser identificada, pois, ao proporcionar do telespectador uma ampla visão dos fatos, o documentário contextualizou a informação da forma mais abrangente possível.

Contudo, é difícil exigir distanciamento diante dessa tragédia e não sentir comoção quando, aos 0min 12s, uma mãe passa mal no julgamento e pede pelo filho, questionando por que o mataram. Mais uma vez, percebe-se o apelo emocional. Para Lucinda (2008), para que o telespectador entenda de fato o tema abordado, não basta apenas a descrição, é preciso senti-lo. Afinal, esse estilo de narração traz consigo um aprofundamento maior em relação às reportagens clássicas, então, despertar a emoção é essencial.

Figura 6: Mãe passa mal no julgamento e relembra morte do filho



Fonte: “Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria” – Globoplay.

## EPISÓDIO 5: PONTO DE INTERROGAÇÃO

O quinto episódio do documentário é simbólico. Nele, as famílias comemoram a vitória no julgamento e, logo em seguida, voltam para dentro da mesma luta, quando os condenados saem da prisão por decisão judicial meses depois. Por não ter um fim definitivo do processo, o documentário não é conclusivo e fica inevitável a sensação de que foi difícil criar um enredo com base em um ponto de interrogação.

Mesmo assim, a narrativa deixou claro que a luta por justiça continua, sendo difícil cair no esquecimento. É onde a sétima e última ponta de Felipe Pena (2006) se encaixa, assegurando a importância da permanência e perenidade. Aos 44min 50s, algo semelhante é pontuado na reportagem, como a construção de um memorial que mantenha viva a lembrança, não só da tragédia, mas dos 242 jovens que morreram. O motivo de ter um memorial da Kiss no mesmo local é passar o recado de que houve uma tragédia ali. Se o prédio da boate fosse demolido, as pessoas esqueceriam com o passar do tempo.

Canellas não expressa muito sua opinião durante a construção do



documentário. Apesar de estar claro seu envolvimento com o tema, isso não é evidenciado em palavras. Porém, no quinto episódio, ao encerrar um trabalho de dez anos de levantamento de dados, em uma fala emblemática, Canellas pontua suas impressões, assim como sugere Lucinda (2008). “Não somente os comentários sobre o acompanhamento da ação são permitidos, como também fazem parte dos elementos fundamentais” (LUCINDA, 2008, p. 23). Aos 47min 43s, o repórter inicia o monólogo.

Figura 7: Marcelo Canellas finaliza o documentário em frente ao mural de homenagens aos 242 mortos



Fonte: “Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria” – Globoplay.

Além de utilizar os últimos minutos da reportagem para expressar sua opinião e construir um tipo de conclusão ao trabalho, Canellas cumpre com o que Pena (2006) sugere a respeito do jornalismo literário, com o uso de símbolos e/ou metáforas. Em sua fala final, se destacam frases como: “A insistência na tarefa inútil de esconder o passado”; “ninguém consegue jogar 242 mortos para debaixo do tapete”; “Santa Maria só se livra do pessimismo e do desespero quando se olha no espelho e assume a sua cicatriz”; “no fim das contas, é uma história de amor”. Apesar de não se tratar de frases com significado literal, as figuras de linguagem representam exatamente o que o autor quis expressar



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do artigo possibilitou uma análise sobre como o jornalismo literário e a estrela de sete pontas, proposta por Pena, podem estar presentes em produtos audiovisuais, sem perder a essência jornalística. O objeto de estudo foi o documentário televisivo “Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria”, conduzido pelo repórter Marcelo Canellas, com a proposta de averiguar o caso desde o dia do incêndio até o desenrolar dos fatos.

O primeiro capítulo da fundamentação teórica desta pesquisa descreveu as diferenças entre a pirâmide invertida (*lead*) e o jornalismo literário, cumprindo com o primeiro objetivo específico. No capítulo seguinte, o jornalismo literário foi explorado desde a sua origem, opiniões e definições de diferentes autores e suas características, até o conjunto de aspectos chamado de estrela de sete pontas. A relação do jornalismo literário com os documentários de TV também foi foco de estudo. Neste capítulo, as diferenças da reportagem comum para as séries documentais foram exploradas, ressaltando que o jornalismo literário deste estilo é diferente de ficção.

Quanto aos objetivos, o geral pretendia, após a análise, identificar a aplicabilidade e efetividade do jornalismo literário na construção e narrativa do jornalista Marcelo Canellas, juntamente a cada uma das sete pontas da estrela de Pena. Nos cinco episódios, atributos do jornalismo literário foram identificados, como: o fato de provocar sensações ao inserir o leitor (no caso, telespectador) no acontecimento; a desconstrução do *lead*; a imersão do repórter na realidade do ocorrido ao realizar várias passagens, em que Canellas aparece; humanização; detalhes e precisão de dados, que são traços básicos do estilo literário, e, entre outros aspectos identificados, a profundidade da reportagem.

Assim como o jornalismo literário, há elementos de todas as sete pontas da estrela de Pena, pois a abordagem do documentário potencializa os recursos do jornalismo, mas sem perder a ética e a clareza. Também ultrapassa os limites dos acontecimentos por não estar preso ao *deadline*, apresentando uma ampla visão dos fatos por relacionar o incêndio da Kiss a outros semelhantes. A busca pela verdade e a justiça estiveram presentes em vários momentos do documentário, assegurando o papel do jornalismo como um prestador de serviço cumprindo o



dever com a cidadania. A narrativa do roteiro investe na dualidade das cenas entre a recapitulação histórica e a atualidade, fugindo do que propõe o *lead*. Apesar de haver fontes oficiais nos episódios, havia pluralidade de fontes documentais e humanas. E por se tratar de uma tragédia sem um desfecho concluído, Canellas deixou claro que a luta por justiça continua, sendo difícil cair no esquecimento.

Desse modo, o artigo cumpriu com o objetivo geral de identificar a aplicabilidade e efetividade do jornalismo literário na construção do documentário, assim como as pontas da estrela de Pena. Muitas características citadas na análise comprovam este conceito.

Em relação à pergunta-problema “como o jornalismo literário e o conjunto de aspectos da estrela de sete pontas, formulada por Felipe Pena, se encaixam no documentário ‘Boate Kiss - A tragédia de Santa Maria’ sem perder a essência jornalística?” concluiu-se que: o documentário se encaixa no jornalismo literário e não perde a essência jornalística, pois diversos trechos, como as cenas gravadas do incêndio em uma boate de Buenos Aires (AR) - que comprovam características literárias, como a apuração rigorosa, reportagem profunda e ultrapassar os limites dos acontecimentos -, deixam claro a paridade com o estilo.

Ao mesmo tempo, a reportagem mantém na sua produção características do jornalismo, por respeitar premissas básicas exigidas pelo gênero, como a “abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente” (PENA, 2006, p. 14). Houve isenção do repórter, pois Canellas demonstrou o cuidado em trazer para o público a máxima fidelidade dos fatos com bastante clareza. Apesar de que o envolvimento de Canellas com o tema tenha ficado explícito - por se tratar de um documentário, há esta liberdade -, o repórter continua fazendo o papel de jornalista, por exemplo, ao mostrar todos os lados do fato, afinal a busca pela verdade é a alma do jornalismo. Portanto, conclui-se que houve seriedade, mas não imparcialidade, pois sabe-se do envolvimento de Canellas com a cidade da tragédia e a comoção que a morte de 242 jovens promove.

Levando em consideração todos os aspectos levantados, o objeto de estudo pode ser definido como produto do jornalismo audiovisual literário, sem nenhuma característica de ficção, pois foi moldado pela ética, isenção e clareza dos fatos sem perder a essência jornalística.





## REFERÊNCIAS

- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005. 146 p. Material online. Acesso em: 31 maio 2023.
- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. **O texto de TV e o novo jornalismo literário**. Revista Mediação, 2010. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/307>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- CARMO-ROLDÃO, Ivete Cardoso; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigue; OLIVEIRA, Ana Paula Silva. **O espaço do documentário e da vídeo-reportagem na televisão brasileira: uma contribuição ao debate**. Revista Contracampo, n. 17, p. 107-126, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17245/10883>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 175 p. Material online. Acesso em: 04 maio 2023.
- GLOBO.COM. **O que é o Globoplay?** Disponível em: <https://ajuda.globo/globoplay/app/sobre-o-globoplay/faq/o-que-e-o-globoplay.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008. 233 p.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Da Universidade de São Paulo, 2014. 104 p. ISBN 9788531414756.
- LOVIZON, Kamila Ágatha. **Jornalismo Literário Televisivo e as Crises Humanitárias**. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2021. 15 p. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-cc/kamila-agatha-lovizon.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- LUCINDA, Tatiana Vieira. **O jornalista como “herói da informação”**: uma análise do Profissão Repórter. Trabalho apresentado ao Curso de Graduação de Comunicação Social Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, 2008. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/TatianaVieira.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- MATOS, Elisandro Tadeu Carvalho de. **Jornalismo Literário no Profissão Repórter**. 2013.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002.



PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 142 p. ISBN 9788572443241.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papyrus, 2022. Material online. Acesso em: 12 jun. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2013. 274 p. Disponível em:  
[https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia\\_do\\_Trabalho\\_Cient%C3%ADfico\\_-\\_1%C2%AA\\_Edi%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_Antonio\\_Joaquim\\_Severino\\_-\\_2014.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf).  
Acesso em: 04 maio 2023.

WOLFE, Tom. **Radical Chic e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.